



O Ideário Patrimonial О идеарио

Na Rota dos Mosteiros
Património da Humanidade (e
outros Patrimónios)



O Ideário
Patrimonial
О идеарио

www.cta.ipt.pt

N. 07 // dezembro 2016 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Centro Transdisciplinar das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

EDITORA

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

DIRECTORES-ADJUNTOS

Professora Doutora Teresa Desterro, Instituto Politécnico de Tomar
Professora Especialista Fernando Salvador Sanchez, Instituto Politécnico de Tomar
Doutor Gustavo Portocarrero, Faculdade de Belas-Artes, da Universidade de Lisboa (CIEBA)

CONSELHO CIENTÍFICO

Professor Catedrático Carlos Costa, Universidade de Aveiro
Professor Doutor Carlos Cupeto, Universidade de Évora
Professor Doutor André Luis Ramos Soares, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Professor Doutor Fabio Negrino, Università degli Studi di Genova
Professora Doutora Hália Santos, Instituto Politécnico de Tomar e Directora do ESTAJornal
Professora Doutora Maria João Bom, Instituto Politécnico de Tomar

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem, Instituto Politécnico de Tomar

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Centro Transdisciplinar das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN 2183-1394

ANOTADA DA ERC

REGISTADA NA INPI

Os textos são da inteira responsabilidade dos autores



Índice

EDITORIAL	04
Introdução. O Mosteiro da Batalha e o(s) seu(s) Território(s) Joaquim Ruivo	06
Do Património Natural aos Patrimónios Culturais – a Singularidade do Cársico Estremenho Nuno Carvalho e Mário Oliveira	13
A Âncora de um Imenso Navio António Jorge Figueiredo	25
Património Industrial dos Antigos Coutos de Alcobaça António Maduro	44
Os Administradores da Fábrica do Juncal e a Real Casa da Nazaré Maria Filomena Costa Coelho da Silva Martins	57
Mosaico	66
Caixa Geral de Depósitos. Os Depósitos Públicos e o aparecimento da Junta do Crédito Público Joaquim Pombo Gonçalves e Helena Real Gomes	67
Territórios Culturais: Sagrado e Profano na Feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro e suas relações com a Cidade, o Turismo e o Patrimônio Cultural Elis Regina Barbosa Angelo	78
Paisagem Cultural: Caminhos e Possibilidades da Educação Patrimonial como Experiência Interdisciplinar Lauro César Figueiredo e Marta Rosa Borin	103
Rio de Janeiro – Lisboa, um Programa de Estudos sobre Imagética: 10 anos de cooperação pedagógica e científica entre Universidades Maria Leonor García da Cruz	114

EDITORIAL



Editorial

Este número de Dezembro surge dividido em duas partes.

A primeira parte consta dos artigos produzidos depois das apresentações que tiveram lugar no III Fórum cuja temática versava sobre Patrimónios.

O III Fórum “Património Natural, Etnográfico e Arqueológico. Na rota dos Mosteiros Património da Humanidade – Alcobaça, Batalha e Tomar: outros patrimónios a salvaguardar” é organizado pelo Instituto Politécnico de Tomar, a Câmara Municipal da Batalha, o CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»), o Mosteiro de Santa Maria da Vitória (Batalha) e o Convento de Cristo (Tomar), com o objetivo trazer a lume património natural, etnográfico e arqueológico que gravita na órbita do grande eixo de Património da Humanidade definido pelos mosteiros de Alcobaça e Batalha e pelo Convento de Cristo, em Tomar.

A relevância destes três monumentos transporta virtudes e também algumas dificuldades acrescidas no processo de estudo e valorização de “outros patrimónios”. De facto, a sua projeção internacional constitui uma garantia de um permanente interesse pela região, desde logo, em termos científicos, mas também numa perspetiva mais abrangente de fruição cultural. No entanto, também existe uma perceção de que a presença destas fortes marcas patrimoniais pode, se não devidamente tido em conta, absorver uma atenção, de alguma forma, propícia a um diminuto investimento em patrimónios relacionados entre si e que explicam, em boa parte, aqueles monumentos. Estes “outros patrimónios” representam, de resto, um manancial de valorização territorial suscetível de ser evidenciado de forma acrescida.

Como sucedeu nas edições precedentes, este fórum pretende abrir um espaço a estudos de investigadores de diversas áreas e cujos resultados e reflexões se pretende dar a conhecer, no interesse das comunidades que diariamente convivem com as suas paisagens, identidade e memórias e, neste caso, contribuir para potenciar, com utilidade recíproca, as valências de um eixo patrimonial de projeção inestimável.

A segunda parte consta de artigos enviados para publicação na Ideário como o artigo acerca do primórdios da CGD, e sobre tradições, costumes e ambientes de discussão teóricos vindo do outro lado do Atlântico (Brasil).

O conteúdo deste número é concerteza um convite a entrar no mundo da Ideário.

DO PATRIMÓNIO NATURAL AOS PATRIMÓNIOS CULTURAIS – A SINGULARIDADE DO CÁRSICO ESTREMENHO

Nuno Carvalho

ESEC – IPCoimbra / CICS. NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais,
FCSH-UNL

ncarvalho@esec.pt

Mário Oliveira

– ESECS – IPléiria /

NIDE – Núcleo de Investigação e Desenvolvimento em Educação

mario.oliveira@ipleiria.pt



Do Património Natural aos Patrimónios Culturais – A Singularidade do Cársico Estremenho

Nuno Carvalho

Mário Oliveira

Historial do artigo:

Recebido a 09 de dezembro de 2016

Revisto a 15 de dezembro de 2016

Aceite a 19 de dezembro de 2016

RESUMO

O presente texto reflete sobre a importância do património natural para a construção das culturas locais, seus patrimónios e consequente identidade. Reflete-se, no caso presente, sobre os ambientes cársicos da região. Efetivamente, os ambientes calcários (cársicos) – no caso presente, o Maciço Calcário Estremenho (MCE) – revelam uma singularidade ímpar quando estudados em termos geomorfológicos, ambientais, paisagísticos, sociais, culturais e patrimoniais, com influências determinantes no modo de vida das populações que os habitam, fornecendo contributos essenciais para a definição espacial dos territórios que abrangem.

O MCE, eventualmente o mais importante conjunto calcário português devido à diversidade de formas estruturais, erosivas e cársicas que apresenta, é constituído por um bloco de calcários jurássicos onde predominam os calcários pertencentes ao dogger (jussássico médio) que se erguem por meio de imponentes falhas geológicas acima de áreas que se situam a cotas de aproximadamente 200 metros. Secundariamente, são ainda abrangidas formações modernas, detriticas e de *terra rossa*, nos vales e depressões fechadas. Recorde-se que foi a singularidade deste património geológico que esteve na origem da classificação de uma parte significativa do MCE como parque natural, em 1979, o PNSAC. Este ambiente é responsável pela existência de uma flora e fauna únicas no país.

No caso das populações do MCE, e conforme acima referido, e base da presente reflexão, constata-se que a sua cultura está intimamente relacionada com a rocha calcária que predominantemente o compõe, tantas são as evidências e diversidade do seu uso, considerando-se mesmo a existência de uma *cultura da pedra*. O expoente máximo desta relação está expresso no grandioso património construído, algum do qual classificado como património mundial pela UNESCO.

Palavras-Chave: Cársico, Património(s), Identidade(s), Cultura Local.

ABSTRACT

The present text reflects on the importance of natural heritage in the construction of local cultures, its heritages and consequent identity. In this case, the local limestone environments.



Effectively, the limestone environments - in this case the Estremenho Limestone Mass (MCE) - reveal a unique singularity when studied in geomorphological, environmental, landscape, social, cultural and heritage terms, with determining influences in the way of life of populations that host them, providing essential contributions to the space definition of the territories they cover.

The MCE, possibly the most important portuguese limestone assembly due to the diversity of structural, erosive and carsic forms that it presents, is constituted by a block of jurassic calcaries where the limestone belonging to the dogger (medium jurassic) predominate and that rise amongst imponent geological faults above areas that are situated at approximately 200 meters. Secondly, modern, detritic and rosra earth formations are still covered, in the valleys and closed depressions. It should be remembered that it was the singularity of this geological heritage that was in the origin of the classification of a significant part of the MCE as natural park in 1979, the PNSAC. This environment is responsible for the existence of a unique flora and fauna in the country.

In the case of the populations of the MCE, as referred above, and based on this reflection, it concludes that its culture is intimately related to the limestone rock that predominately constitutes it, so many are the evidences and diversity of its use, considering even the existence of a stone culture. The maximum expo of this relationship is expressed in the great built heritage, some of which is classified as a world heritage by UNESCO.

Key-words: Carsic, Heritage, Identities, Local Culture.

Introdução

A comunicação apresentada e o presente texto resultam do trabalho que os autores têm desenvolvido ao longo dos anos nos domínios da educação ambiental e da conservação, valorização e divulgação dos patrimónios natural e cultural do Macico Calcário Estremenho em geral, e do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros em particular, quer em contexto associativo, no âmbito das atividades da Oikos – Associação de Defesa do Ambiente e do Património da Região de Leiria, quer em contexto académico.

Reflete-se sobre a importância do património natural para a construção dos patrimónios culturais e respectivas indetidades locais tendo como objecto de análise o Maciço Calcário Estremenho. Num primeiro ponto faz-se uma abordagem teórica sobre a relação homem-natureza e património(s) e identidade(s), num segundo ponto apresenta-se uma breve caracterização do património natural do Maciço Calcário Estremenho e num terceiro ponto, também de forma breve faz-se referência à ocupação humana e património construído do maciço. Conclui-se com uma síntese que pretende demonstrar a importância da simbiose entre o património natural e a população do maciço para a construção do património natural e cultural hoje existente.

1. Natureza e Cultura

1.1. Relação homem-natureza

Natureza é antes de mais o *universo* na sua totalidade cósmica, visível e invisível, na qual o homem se insere. “A totalidade do cosmos, inclui as coisas, os seres, os animais, os homens e as forças – conhecidas e desconhecidas que os regem. Por natureza compreende-se também o



ambiente ecológico, a terra, a vegetação, os animais; a vida humana desenvolve-se em simbiose com esta realidade” (BERNARDI, 1982:20). É sobre o ambiente ecológico, o *oikos*, enquanto fator da cultura que assentamos a nossa reflexão.

Assim, o homem faz parte da natureza com a qual se relaciona e da qual depende para a sua existência. No entanto, essa relação assumiu um caráter diferente da relação que é estabelecida por todas as outras espécies vivas a partir do momento em que o homem adquiriu capacidade para a transformar e criar cultura e cirar *cultura*. Mais do que um modo de vida dos homens, a cultura é tudo o que o homem “acrescenta à natureza, ou seja, a cultura é a natureza, materializada, objectivada”. (MESQUITELA LIMA, 1991: 39).

A cultura assenta necessariamente sobre a natureza. “Se, portanto, se quer compreender a fundo o complexo fenómeno da cultura, convém não descurar o fundamento natural que permite ao homem desenvolver a atividade mental e criar a cultura” (BERNARDI, 1982:23)

Para uma análise dinâmica da cultura, Bernardi (1982) apresenta quatro fatores: “o *anthropos*, ou seja, o homem na sua realidade individual e pessoal; o *ethnos*, comunidade ou povo, entendido como associação estruturada de indivíduos; o *oikos*, o ambiente natural e cósmico dentro do qual o homem se encontra a atuar; o *chronos*, tempo, condição ao longo da qual, em continuidade de sucessão, se desenvolve a actividade humana. (BERNARDI, 1982:50)

É, pois, sobre o *oikos*, que assenta a base da nossa reflexão, ou seja, sobre a importância do património natural para a criação dos patrimónios culturais. *Oikos* é uma palavra grega que significa casa, no sentido de habitat. Dela deriva o termo ecologia que nas ciências naturais indica o estudo do ambiente e mais especificamente as relações entre o ambiente e os organismos biológicos. Enquanto fator da cultura, tal como é apresentado por Bernardi, o *oikos* é o meio ambiente no qual a espécie humana desenvolve a sua atividade e cria cultura e, é esse meio ambiente que vai influenciar a cultura de cada povo, de cada local, na medida que pode dizer-se que a cultura é uma resposta do homem à natureza, e aos desafios que esta lhe coloca, para satisfazer as suas necessidades, *físicas e espirituais*. É deste desafio-respeita que resulta a diversidade cultural, na medida em que consoante o *oikos*, assim são os desafios e respetivas respostas. É assim que, por exemplo, os desafios e as respostas são muito diferentes, logo culturas diferentes, em *oikos* tão diversos como, por exemplo, a floresta tropical e o deserto. Ou seja, a espécie humana apresenta uma grande diversidade cultural, que está intimamente relacionada com o seu meio. “As culturas são respostas adequadas e adaptadas ao ambiente geográfico-natural”. (MESQUITELA LIMA, 1991: 157).

1.2. Património e Identidade

Se o património natural se assume como determinante para a construção dos restantes patrimónios culturais, também esses patrimónios, por sua vez, se assumem como relevantes para a construção das identidades locais na medida em que se encontram intimamente relacionados e são frequentemente entendidos como uma extensão um do outro. Nesta perspectiva, a identidade assume-se como a “essência” de um determinado coletivo humano e o património como a sua manifestação “natural” que subsiste no tempo e que se torna premente resgatar e preservar (PERALTA e ANICO, 2006:11).

A produção e reprodução de identidades tendo por base as questões patrimoniais estão geralmente associadas ao contexto espacial de um determinado local. O local remete para o conjunto das relações interpessoais que se desenvolvem na vida quotidiana e que sobre uma base territorial constroem a sua identidade. Essa base territorial consiste no cenário de



representações e de práticas humanas que são desenvolvidas nesse lugar e que definem a singularidade de uma comunidade.

Estabelecendo uma relação entre o local e a identidade, CAVACO (2009: 39) considera que o local designa o lugar onde se investe emocionalmente e onde se criam e se tem raízes considerando-o “o espaço de ancoragem, de pertença, o espaço praticado, percorrido, sentido e representado, segundo diferentes condições de existência afectiva do tipo económicas, sociais, profissionais e etárias”. Acrescenta ainda que o local está relacionado com o quotidiano, com o património como sendo uma prática pessoal, mas igualmente por consistir numa experiência contada por outros, do presente ou passado, mais ou menos imaginada ou sonhada a partir de um passado distante.

2. O património natural do Maciço Calcário Estremenho

2.1. Localização, geologia e geomorfologia

O Maciço Calcário Estremenho, individualizado através da sua maior altitude relativamente aos terrenos circundantes, localiza-se na região central de Portugal continental, e é enquadrado pelas cidades de Leiria, Alcobaça, Rio Maior, Torres Novas e Ourém. Corresponde a uma unidade geomorfológica, geológica e hidrológica situada no sector leste da Bacia Sedimentar Ocidental, que, através de soerguimento tectónico, cavalga a Bacia do Tejo.

Apresenta-se como o mais importante conjunto calcário português devido ao diversificado conjunto de formas estruturais erosivas e cársicas que apresenta. É constituído por um bloco de calcários jurássicos, onde predominam os calcários pertencentes ao Dogger (Jurássico Médio), que se erguem por meio de imponentes falhas geológicas acima de áreas que se situam a cotas de aproximadamente 200m. Secundariamente, são ainda abrangidas formações modernas, detríticas e de “terra rossa”, nos vales e depressões fechadas (RODRIGUES, 1991).

Diferenciam-se no maciço três sub-unidades, correspondentes a estruturas elevadas: a Serra dos Candeeiros a Oeste, O planalto de Santo António ao Centro e Sul, e o Planalto de S. Mamede e a Serra de Aire a Este. Estas sub-unidades estão separadas por três depressões originadas por grandes fraturas: a depressão da Mendiga, separando a Serra dos Candeeiros do Planalto de Santo António, o polje de Minde-Mira de Aire e a depressão de Alvalos que marcam uma fronteira entre o Planalto de S. Mamede/Serra de Aire (RODRIGUES, 1991).

O Maciço Calcário Estremenho apresenta, assim, uma individualidade bem marcada e muito acentuada do ponto de vista estrutural e morfológico. Com base na caracterização efetuada por RODRIGUES (1998) assinala-se que esta individualidade está patente na predominância da rocha calcária, na sua altitude face às áreas circundantes, na ausência de cursos de água subaéreos permanentes no interior do maciço, numa grande diversidade de formas cársicas, superficiais e profundas, e ainda nas características climáticas particulares, na existência de um coberto vegetal típico e nos aspetos singulares da ocupação humana.

As formas cársicas atrás referidas, que constituem um importante património natural, resultam na sua maioria de fenómenos erosivos que atingiram a rocha calcária:

- as *depressões cársicas*, como os poljes, as dolinas e as uvalas;
- as formações resultantes de *carsificação de superfície*, como os lapiás; **(vd Figura 1)**

- as formações resultantes de *carsificação profunda*, como as grutas e os algares.

Os poljes são depressões de fundo plano e vertentes abruptas, podendo atingir grandes dimensões e apresentando por vezes acumulações de água, como é exemplo o polje de Minde-Mira de aire; as dolinas são depressões de forma circular e de fundo preenchido por sedimentos. Por vezes o fundo localiza-se ao nível do lençol freático originando lagoas à superfície, como as lagoas de arrimal. As uvalas, resultam da coalescência de dolinas e, salienta-se no maciço a depressão de Chão das Pias.

Lapiás são blocos de rocha fissurada resultando da sua dissolução pela água ao infiltrar-se nas fraturas.

Algares são aberturas naturais de progressão vertical que dão acesso ao meio cársico subterrâneo e que podem atingir várias dezenas de metros. As grutas são cavidades de progressão horizontal e cuja singularidade assenta essencialmente em formas únicas como as estalactites e as estalagmites.

Neste conjunto litológico deve ainda salientar-se a existência de importantes escarpas de falha resultantes do longo e complexo conjunto de processos orogénicos que estiveram na base da elevação deste maciço calcário (RODRIGUES, 1998: 12-16).

A singularidade do património geológico e geomorfológico do Maciço Calcário Estremenho esteve na origem da classificação, em 1979, de uma parte significativa da sua área, aproximadamente 38,4 Km² como parque natural, o Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros.

2.2 Flora e Vegetação

No que respeita à flora, os estudos desenvolvidos comprovam a sua diversidade e importância, conhecendo-se cerca de sete centenas de espécies, entre as quais vários endemismos lusitanos, ibéricos e ibero-norteafricanos. Um elevado número de plantas apresenta características aromáticas e medicinais conferindo a esta região cársica elevadas potencialidades neste domínio, no contexto nacional.

As formações vegetais naturais predominantes no passado seriam o carvalho-cerquinho (*Quercus faginea* L.) que cobriam as áreas mais húmidas, a par de algumas manchas de azinheira e sobreiro nas áreas mais secas. Desta floresta inicial restam hoje pequenas manchas na base das encostas onde se instalou a agricultura. Os efeitos da acção humana, nomeadamente com o objectivo de aumentar a área agricultável estão na origem do desaparecimento da floresta primitiva, dando origem a matos onde predominam o carrasco (*Quercus coccifera* L.) e o alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.).

Assim, e fruto do conjunto de interações entre o homem e o meio, a paisagem do maciço apresenta um conjunto variado de associações vegetais de grande importância, destacando-se, carvalhais de carvalho-cerquinho (*Quercus faginea* L.); carvalhais de carvalho negral (*Quercus pyrenaica* Willd), que só ocorre na zona do arrimal, e representa um testemunho paleoclimático importante; manchas de azinhal; manchas de sobreiral; matagais (CARVALHO, 2000: 87-88).

2.3 Fauna

Também do ponto de vista faunístico o Maciço Calcário Estremenho pode ser considerado como uma área de grande importância. As características climáticas, geomorfológicas, e também a intervenção humana ao longo de séculos, contribuem para a existência de diversos biótopos de que são exemplo, a floresta (carvalhais), os matos, o garrigue, as escarpas, os campos agrícolas (olival associado a culturas arvenses) e as zonas húmidas, o que favorece a existência de uma fauna abundante e de grande riqueza.

Quanto à avifauna são conhecidas cerca de 140 espécies de aves, 100 das quais nidificantes. O bufo real (*Bubo bubo*), o corvo (*Corvus corax*), o peneireiro comum (*Falco tinnunculus*), a coruja das torres (*Tyto alba*), o andorinhão real (*Apus apus*), são algumas das espécies associadas às escarpas. Nas bolsas de carvalho ainda existente em volta dos campos agrícolas podem encontrar-se entre outras espécies o gavião (*Accipiter nisus*), o pica-pau-malhado-grande (*Dendrocopos major*), o papa-figos (*Oriolus oriolus*), o gaio (*Garrulus glandarius*) e a toutinegrade-barrete-preto (*Sylvia atricapilla*). Os matos rasteiros constituem locais de caça para a águia cobreira (*Circaetus gallicus*) e para o falcão tagarote (*Falco subbuteo*), podendo ainda encontrar-se entre outras a carriça (*Troglodytes troglodytes*), o pisco de peito ruivo (*Erithacus rubecula*) e o rouxinol (luscínia megarhynchos). Do conjunto da avifauna destaca-se a gralha-de-bico-vermelho (*Pyrrhocorax pyrrhocorax*), que é um verdadeiro ex-libris desta região cársica, particularmente do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros. Ocorre nos locais onde existe uma vegetação rasteira e esparsa, constituída principalmente por alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) e tomilho (*Thymus* sp.), vulgarmente designada por garrigue. Estas áreas constituem também bons territórios de caça para algumas aves de rapina. Os campos agrícolas assumem uma grande já que a eles se associa um conjunto avifaunístico mais diversificado. A rola (*Streptopelis turtur*), a poupa (*Upupa epops*), a alvéola branca (*Motacilla alba*) e o tentilhão (*Fringilla coelebs*), são algumas das espécies frequentes neste tipo de habitat.

Os mamíferos registam também uma presença muito significativa, sendo de salientar as importantes colónias de morcegos, cujo habitat são as grutas e algares, fazendo-se representar por cerca de uma dezena de espécies (das 26 existentes em Portugal) quase todas ameaçadas. Outros mamíferos, como os pequenos roedores, e o colho bravo são abundantes. Estão também presentes algumas espécies de mamíferos predadores como a raposa, o toirão e o gato bravo, algumas das quais, também ameaçadas.

A herpetofauna é, também ela, muito rica. No que respeita aos anfíbios, apesar de, aparentemente o meio não lhe ser muito propício – escassez de água à superfície, motivada pela estrutura da rocha calcária do maciço – a existência de lagoas e pias naturais, e uma grande variedade de cisternas e pias artificiais ligadas à ocupação humana, proporcionam condições favoráveis à reprodução destes animais. A existência de cavidades naturais (grutas), com um elevado grau de humidade proporcionam refúgio da seca exterior a algumas espécies, como por exemplo o sapo comum (*Bufo bufo*), ou a salamandra de pintas (*Salamandra salamandra*). São conhecidas 13 espécies de anfíbios (cerca de 70% das espécies que ocorrem em Portugal). No que respeita aos répteis, a grande diversidade de biótopos, e o seu bom estado de conservação, parecem ser as causas para a existência de uma grande variedade de répteis, sendo conhecidas 17 espécies, assinalando-se a osga (*Tarentola mauritanica*), o sardão (*Lacerta lépida*), a lagartixa do mato (*Psammotromus algerus*), a cobra-de-ferradura (*Coluber hippocrepis*) e a víbora-cornuda (*Vípera latastei*). (CARVALHO, 2000: 88-90).

3. Ocupação humana e património construído no Maciço Calcário Estremenho

A paisagem do Maciço Calcário Estremenho é profundamente marcada pela presença humana cujo povoamento e conseqüente humanização da paisagem remonta à pré-história, atravessando todos os grandes períodos, prolongando-se pelas épocas romanas e árabe até aos nossos dias. (ARAÚJO, 1991). Esteve, contudo, mais localizado nos limites da serra e nas grandes depressões, intensificando-se a partir do Séc. XVI até à sua estrutura atual, estando sempre “relacionado com as atividades económicas e estas com o tipo de recursos valorizados em cada época” (ABREU, 1991: 47).

Testemunhos dessa ocupação humana bastante antiga, são os numerosos vestígios arqueológicos. Segundo ZILHÃO (1991, cit por CARVALHO, 2000) para além de um conjunto de importantes estações arqueológicas, merecem destaque, a Anta de Alcobertas, a Estrada Romana em Alqueidão da Serra, as Salinas da época romana, em Fonte da Bica, rio Maior.

No presente texto, no que respeita ao património cultural, destacamos o património construído, relativamente ao qual a presença do calcário é determinante nas suas características imprimindo-lhe uma singularidade marcante, indo ao encontro da ideia central, aqui apresentada acerca da importância do património natural para a construção dos patrimónios culturais. Efetivamente, a rocha calcária é o principal material usado na construção, quer das habitações, quer de todo um vasto conjunto de património edificado. No que respeita às habitações, estas são “essencialmente de dois tipos, consoante se localizem na Beira Serra, onde os terrenos são mais férteis, com casas de dois pisos, emoldurados por alpendre e anexos, e as casas das aldeias serranas, onde a subsistência é mais difícil, e as casas se apresentam de piso térreo e anexos exíguos” (PNSAC, 1997: 51).

Associado aos modos de vida das populações, provenientes das condições naturais – que são a falta de água à superfície, e a presença da pedra - como, aliás, tão singularmente assinalou Martins (1949) – existe um importante conjunto de estruturas de grande valor patrimonial, que merecem realce.

No que ao aproveitamento da água diz respeito, assinalam-se as cisternas, das quais existem diversos tipos, tendo como finalidade o aproveitamento da água das chuvas, as caleiras em pedra, que conduziam a água para as cisternas, e as pias naturais cavadas na rocha. “O aproveitamento das águas pluviais torna-se objeto de minuciosos cuidados: nas povoações todos os telhados das casas de habitação e dependências anexas, por menor que seja a superfície, estão providas de caleira, e cada unidade familiar dispõe de uma cisterna (...), e em alguns lugarejos, por exemplo no Covão do Coelho há uma cisterna pública alimentada pela água recebida nas caleiras dos beirais da capela” (MARTINS, 1949: 39). Destacam-se as cisternas coletivas de Serro Ventoso e Mendiga, que aproveitam uma laje de dimensão assinalável para encaminhar a água para uma cisterna que abastecia a povoação através de fontanários públicos. **(vd Figura 1.)**

Da presença da pedra, para além do seu uso nas habitações e nas estruturas de captação e armazenamento de água, acima referidos, bem como nas eiras, assinalam-se construções ímpares como os abrigos de pastor, as casinas, **(vd Figura 2.)** e os muros, **(vd Figura 3.)** cuja pedra vem da despedrega efetuada nos campos para possibilitar o seu aproveitamento agrícola, os quais para além do importante conjunto de funções que desempenham, como a delimitação dos campos, vedação para o gado, protecção contra a erosão provocada pelo vento e pela chuva, particularmente nas zonas de encosta, constituem uma paisagem de *bocaje* de beleza única, e de grande valor cultural. “A pedra de facto rompe por todo o lado: até nas obras do homem está

sempre presente. Para não falar nas casas de habitação, (...) aponto as cabanas de circulares com paredes e coberturas de laje, tudo sem reboco edificadas pelos pastores (...). Quanto a vedações, sebe viva não se vê... mas são tantos, tantos, os muros que chegam a formar verdadeiros labirintos (...)" (MARTINS, 1949: 45).

Os moinhos de vento, destinados a *moer o pão*, existiam em grande número, aproveitando-se assim as condições favoráveis de vento existentes na serra. Os que ainda existem constituem um importante legado patrimonial.

Como expoente máximo deste património construído que tem por base a pedra calcária assinalam-se o património monumental que tem como expoentes máximos os Mosteiros de Alçobaça e da Batalha classificados como património da Humanidade pela UNESCO.



Figura 1. Cisterna coletiva, Serro Ventoso **Fonte:** Nuno Carvalho



Figura 2. Casina, Serra de Stº António **Fonte:** Nuno Carvalho



Figura 3. Muros e olival, Serra de Stº António **Fonte:** Nuno Carvalho

Conclusão

A natureza, aqui entendida como o meio ambiente, *o oikos*, tem uma forte influência nas culturas dos povos na medida em que, a sua diversidade, coloca à espécie humana diferentes desafios e obtém desta uma diversidade de respostas para satisfação das suas necessidades físicas e espirituais, culminando na cultura de cada local, consubstanciada nos seus patrimónios culturais, que dão corpo à sua identidade.

O Maciço Calcário Estremenho tem características únicas no que respeita ao seu património natural, assentando a sua singularidade na geologia e geomorfologia, constituindo-se como o mais importante conjunto calcário português devido ao diversificado conjunto de formas estruturais erosivas e cársicas que apresenta.

Em suma, estas características naturais, e uma notável simbiose entre a natureza e as populações que ao longo dos séculos habitaram o maciço deram origem não só a um património cultural, mas também natural, ímpares. No que respeita ao património natural essa simbiose está patente na diversidade de biótopos hoje existente e que alberga uma flora e fauna muito ricas. Relativamente ao património cultural destacámos o património construído tal é a sua riqueza assente no uso da rocha calcária, podendo mesmo falar-se na existência de uma *cultura da pedra*.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Diogo - Aspectos do Povoamento no Maciço Calcário Estremenho. In **Actas das 1^{as} Jornadas – Ambiente Cársico e Educação Ambiental**, 1991. Porto de Mós: PNSAC.

ARAÚJO, Ana – Aspectos da Dinâmica do Povoamento nas Serras de Aire e Candeeiros e sua Periferia. In **Actas das 1^{as} Jornadas – Ambiente Cársico e Educação Ambiental**, 1991. Porto de Mós: PNSAC.

BERNARDI, Bernardo - **Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos**, 1^a Ed. Lisboa: Edições 70, 1982.

CARVALHO, Nuno - **Conservação da Natureza e Áreas Protegidas – O Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros**. 2006. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana e Educação Ambiental. Acessível na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

CAVACO, Carminda - Os espaços rurais como espaços de vida: mobilidades residenciais e novas formas de habitar. In BAPTISTA, F, O.; JACINTO, R.; MENDES, T. - **Os territórios de baixa densidade em tempos de mudança**. Proença-a-Nova: C. M. de Proença-a-Nova. 2009. ISSN 1647-360X. p. 39-72.

MARTINS, Alfredo Fernandes - **Maciço Calcário Estremenho – Contribuições para um Estudo de Geografia Física**. 1949. Dissertação de Doutoramento em Ciências Geográficas. Acessível na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

MESQUITELA LIMA, Augusto - **Introdução à Antropologia Cultural**, 9^a Ed. Lisboa: Presença, 1991.

PERALTA, Elsa; ANICO, Marta - **Patrimónios e identidades - Ficções contemporâneas**. 1ª Ed. Oeiras: Celta, 2006. ISBN 972-774-233-5

Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros - **Guia do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros**, 1997. Lisboa: Instituto de Promoção Ambiental.

RODRIGUES, Maria Luísa - Alguns Aspectos da Geomorfologia do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros. In ACTAS DAS 1^{as} JORNADAS – AMBIENTE CÁRSICO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 1991. Porto de Mós: PNSAC.

RODRIGUES, Maria Luísa - **Evolução Geomorfológica e Dinâmica Actual. Aplicações ao Ordenamento do Território – Exemplos no Maciço Calcário Estremenho**. 1998. Dissertação de Doutoramento em Geografia Física. Acessível na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.